

AS TELECOMUNICAÇÕES E A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM APARECIDA DE GOIÂNIA

Ana Caroline da Silva*

RESUMO: O presente estudo teve por objetivo utilizar o procedimento de pesquisa sobre as telecomunicações na estruturação do espaço geográfico na cidade de Aparecida de Goiânia tendo a abrangência territorial seja ela local, regional, nacional e internacional. Dentre alguns serviços básicos mostra que a telefonia foi privatizada ampliando a oferta de serviços e alterando o uso do território. Na cidade de Aparecida de Goiânia, a empresa Telegoiás (Telecomunicações de Goiás S/A), proporcionou o uso corporativo do território. Neste caso, o Estado se apropria das ações normativas e as corporações dos serviços e das redes técnicas oferecidas. As empresas de telecomunicações da cidade direcionam o capital e a norma se apresenta como a própria privatização, enquanto o Estado acompanha este processo, configurando na regulação híbrida do território. Com isso chega à conclusão de que as telecomunicações sofrem por bastantes mudanças no decorrer dos anos e que vem também nos aproximando e interagindo não somente com tecnologias, mas também com as pessoas ao nosso redor para que as nossas comunicações passam a ser a mola mestra da expansão capitalista no mundo. Assim conclui-se que os meios de comunicação não possuem apenas interesses comerciais, mas também ideológicos que é aonde chegamos a um ponto curioso que é na onde uma democracia, onde existe governo impondo uma propaganda ideológica única, existem vários grupos fazendo propagandas ideológicas diferentes. Então, cada jornal, revista, emissora, ou site podem ter uma ideia diferente para passar aos leitores. Por fim, temos que ter em mente que as telecomunicações nos ajudam bastante no dia a dia reduzindo assim a distância e ajudando na aproximação de pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Redes. Território. Uso corporativo do território.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar uma análise das redes de telecomunicações na cidade de Aparecida de Goiânia e o uso corporativo do território. No primeiro capítulo se trata das redes no mundo globalizado mostrando seu papel na globalização, seu desenvolvimento e sua participação no Brasil e no Estado de Goiás, concluindo assim a permissão da comunicação com um acesso rápido a qualquer parte do mundo de forma instantânea.

No segundo capítulo vem-se analisando a construção do território Goiano, comentando sobre o território e suas possibilidades em meio às redes de

* Acadêmica do 6º período do curso de Geografia da Faculdade Alfredo Nasser no semestre letivo 2017/2.

telecomunicação e a territorialização dessas redes técnicas na cidade de Aparecida de Goiânia chegando a concluir suas características de apropriação, denominação e produção desse território.

Por fim, no terceiro capítulo vem mostrando a compreensão e o desenvolvimento das redes em Aparecida de Goiânia com o uso corporativo do território pelas empresas de telecomunicação assim analisando sua expressão geográfica do território e a telecomunicação no uso da cidade de Aparecida chegando à conclusão de qual lugar e espaço estão falando.

Concluindo, tendo presente os efeitos e as determinações dos fatores apresentado, pode-se apreender até que ponto os diversos lugares e espaços sofrem as influências da comunicação ou experimentam as mesmas possibilidades veiculadas pelas redes atribuindo uma intensa disputa de poder entre as operadoras de telefonia por falta de verba nos setores nobres, medianos e de periferia na cidade de Aparecida de Goiânia.

1 AS REDES NO MUNDO GLOBALIZADO

Todas as redes de telecomunicação têm papel importante para o mundo globalizado. A integração econômica e cultural nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos é conhecida como globalização, que indica que só foi possível a criação e popularização das tecnologias que adquiriram um grande papel para o desenvolvimento da economia, e com o passar dos anos veio se tornando mais dependente das redes tecnológicas.

A comunicação reduz a distância, aproxima as pessoas, e amplia os negócios que são transformados em fluxos, gerando uma maior mobilidade espacial das pessoas e aumentando suas perspectivas. Deve-se ao telefone a possibilidade de comunicação entre pessoas assim como outras tecnologias para fazer essa comunicação, mas se não fosse o telefone os nossos meios de nos conectarmos seriam demorados e tudo se processaria lentamente.

De acordo com a revista Economia e Negócios do Estadão, o Brasil assistiu a um grande avanço na expansão da infraestrutura de telecomunicações instalada no País na última década, e desde 1998 o setor de Telecom investiu mais de R\$ 177

bilhões na ampliação e na modernização das redes. Com isso esses valores representam hoje quase 6% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, e esse crescimento do mercado interno, rastreado na estabilização econômica, fez do Brasil um destino cobiçado por alguns dos maiores players mundiais de Telecom e Tecnologia da Informação (TI).

Com essas informações essa situação vem criando grandes desafios e oportunidades para todas as empresas de telecomunicação e vem gerando uma verdadeira corrida pela maior competitividade de outras operadoras telefônicas. Mais do que aumentar o acesso a linhas de telefone, esses avanços das telecomunicações viabiliza a implantação das inovações tecnológicas que vêm transformando radicalmente o modo de vida de toda a sociedade.

Geralmente a palavra comunicação está associada aos meios de comunicação de massa como a televisão, rádio, cinema e a imprensa, que supõem o uso de equipamentos às vezes altamente sofisticados em termos tecnológicos. No entanto nosso dia-a-dia é feito de comunicação, sendo ela fundamental para os seres humanos, pois acontece a todo o momento em nossa vida. Em nosso dia-a-dia temos contato com vários meios de comunicação como os livros, cartazes, rádio, televisão, cinema, jornal, revista, telefone, fax, internet, entre outros. Qualquer meio usado para transmitir mensagens pode ser chamado de meio de comunicação.

Na revista A ACADEMIA, essa expansão acelerada dos últimos anos tem sido o resultado de um bem-sucedido modelo de parceria adotado entre Estado e iniciativa privada.

Um exemplo de projeto resultante desta parceria é o que assegurará a implantação pelas empresas privadas de backhaul (infraestrutura para conexão em banda larga) em todas as sedes de municípios do Brasil até o fim deste ano. Além disso, até dezembro de 2010, todas as escolas públicas urbanas de ensino fundamental e médio do País terão acesso à banda larga, como estabelece o Programa Banda Larga nas Escolas, lançado pelo Governo Federal. São 57 mil escolas no País, conectadas num dos maiores projetos de inclusão digital do mundo.

Esses exemplos são a prova de que políticas definidas e reguladas pelo Poder Público, somadas ao crescimento da capacidade de oferta das operadoras privadas, vêm dando resultados concretos e tangíveis à população. Esses resultados fazem do Brasil um dos países que mais se desenvolve no setor de Telecom e TI, com reflexos positivos em toda a sociedade brasileira.

Já há algumas décadas intensifica-se o fluxo mundial não só em mercadorias, mas também de serviços capitais, informações de pessoas pelos diversos países do planeta. Essa é uma das características mais importantes e também mais visíveis da globalização. Apesar de o Brasil estar entre as dez maiores economias do planeta (em 1998, apresentou o 8º PIB), tem uma participação reduzida no comércio mundial.

Também se iniciou nessa época a privatização das empresas estatais que atuavam na produção industrial, onde boa parte da infraestrutura de transportes, comunicações e energia foram transferidas para a administração de empresas privadas nacionais e estrangeiras.

Rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, usinas, sistemas de comunicação por satélite e também de telefonia, que estavam sob o controle do governo, são hoje administrados por empresas privadas ou estatais estrangeiras e fiscalizadas pelo Estado por meio de agências criadas especialmente para esse fim.

1.1 O papel das telecomunicações na globalização

O mundo até a invenção do telégrafo carecia de informações mais rápidas e contatos mais estreitos para que as transações se efetuassem em maior volume e possibilitassem a expansão capitalista com a abertura de novos mercados consumidores. Com a invenção do telefone e o aumento de seu uso nos países onde o capitalismo avançava mais rapidamente, estas perspectivas começavam a despontar como realidade.

A economia de tempo, energia e dinheiro que uma ligação telefônica proporcionava, teve uma repercussão não somente econômica, mas principalmente espacial na medida em que os fluxos de pessoas e cargas diminuíram ou se organizavam, e que empreendimentos e negócios podiam ser controlados a distância e com isso as comunicações nesse mundo globalizado passam a ser a mola mestra da expansão capitalista do mundo.

Assim dizia “No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições e também uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com sua localização. Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros. (SANTOS, 2000, p.79)

Ao inverso do que pensamos sobre o mundo globalizado, ele é um fenômeno que ocorre desde a antiguidade. Os meios de telecomunicação é o principal alvo desse assunto, pois seu surgimento e desenvolvimento têm em seus diversos tipos como o rádio, a internet, a televisão, o telefone entre outros e a influência das comunicações na história moderna tanto dentro ou fora do Brasil e no mundo globalizado tem a sua íntima ligação com a globalização e o capitalismo.

Para falar em histórias das redes de comunicação no atual mundo globalizado, seria necessário descrever as alterações sofridas até então e verificar o alcance para a sociedade, particularmente para a educação que foi obtida. Entretanto, utilizaremos aqui uma visão ampla sobre história, penteando nossa reflexão em dados específicos do caminho até aqui percorrido pelas redes de comunicação.

As redes de comunicações tiveram início no final da década de 60, quando as primeiras formas de comunicação foram estabelecidas através da ARPANET, unindo quatro universidades norte-americanas (SANTORO, 1994). E sem dúvida o que Santoro diz, é a marca de uma nova etapa no processo de comunicação entre as pessoas de várias partes do mundo, abrindo a possibilidade de troca de dados e informações de longa distância por meio das tecnologias.

Por fim, os meios de comunicação, como a internet, por exemplo, permitem que transações comerciais sejam feitas via computador, de qualquer lugar do planeta e sem necessidade de deslocamento. Na globalização, as inovações tecnológicas tornaram-se fundamentais para a formação de estruturas em redes, gerando um complexo espaço de fluxo que possibilita a difusão espacial das atividades, posto que tais atividades mantêm-se interligadas por meio do sistema de telecomunicações, que, por sua vez, afiança uma propagação verdadeiramente frenética das comunicações e das informações, obedecendo a uma lógica reticular, diretamente associada aos interesses dos distintos agentes envolvidos, ante suas respectivas necessidades de velocidade.

Estudos mostram que de fato os serviços de telecomunicação estão entre os que mais sofreram alterações em sua dinâmica e estrutura, passando a ocupar um lugar central no conjunto das infraestruturas, visto que se tornaram um dos principais eixos de atualização tecnológica transformando o próprio conceito locacional das atividades. Desse modo, esse setor vem ganhando importância estratégica, sendo caracterizado, como aponta Silveira (1999), pela superposição entre redes hegemônicas, destinadas a acatar os imperativos da atual divisão do trabalho, e redes

hegemonizadas, destinadas a atender a uma circulação de tipo mais endógeno, de tal modo que quem controla a informação e sua rede técnica exerce um poder, praticamente, sem medida.

Nessa perspectiva, cabem os apontamentos de Raffestin (1993, p.213), quanto aos processos de regulação das infraestruturas econômicas, pois “Quem procura tomar o poder se apropria pouco a pouco das redes de circulação e de comunicação, já que controlar as redes é controlar os homens e é impor-lhes uma nova ordem que substituirá à antiga”. Ressalta-se, além disso, que a efetiva condição estratégica desse setor no Brasil implantou-se num contexto de desregulação, caracterizado pela quebra do monopólio estatal na prestação desses serviços e pela abertura para o capital privado ainda no final da década de 1990.

1.2 O desenvolvimento das telecomunicações

O desenvolvimento tecnológico vem crescendo muito também nos meios de transporte, que permite que o produto comercializado chegue a seu lugar de destino em tempo cada vez menor. Mas antes do surgimento da escrita, as pessoas registravam mensagens em forma de figuras, em pedras e em paredes de cavernas. Dessas primeiras formas de comunicação até as que conhecemos hoje, houve muitas transformações e desenvolvimento.

Essa revolução é caracterizada pela invenção e o desenvolvimento de diversos produtos como o satélite artificial de comunicação, cabos de fibra óptica, computadores pessoais (microcomputadores), telefones celulares, fax e etc. Aliados a outras invenções surgidas anteriormente, como o telefone, o rádio e a televisão, esses instrumentos permitem a comunicação instantânea entre lugares separados por milhares de quilômetros de distância, tornando possível enviar mensagens, imagens, textos, dados e voz em questão de segundos.

A rede de internet, que interliga computadores do mundo inteiro, é utilizada para pesquisas, compras, envio de mensagens entre pessoas e empresas e até conferências. Essa rede vem possibilitando as pessoas, desde que possuam os meios necessários, (modem, computador, linha telefônica, etc.), o acesso a muitas informações existentes nos mais variados lugares do globo.

Em todos os países que lideram a nova ordem mundial, o setor de telecomunicações é estratégico para o desenvolvimento econômico e humano, sendo

plataforma fundamental para a segurança nacional e fomentador de pesquisas e novas tecnologias, cada vez mais mutáveis. Sem comunicação, seria impossível viver em sociedade, pois ninguém se entenderia. Milhares de anos atrás, as sociedades começaram a desenhar os primeiros símbolos (ou signos) que orientam a comunicação.

Esse mundo moderno inventou muitos suportes de comunicação: telégrafo, telefone, rádio, TV, satélites, internet. Alguns desses atingem milhões de pessoas ao mesmo tempo, como é o caso da TV. Diante de mudanças tão rápidas e que mexem tanto com a vida das pessoas, faz-se necessário que haja muita pesquisa para compreender um pouco mais os meios de comunicação e também verificar como esta se faz presente no Brasil e no mundo.

O desenvolvimento das telecomunicações deu início no Brasil na década de 70, estudos confirmam que foi um dos marcos maiores no processo de organização do território nacional que aconteceu nesse dia. No território, cada substituição foi acontecendo quando a sociedade passava a exigir uma mudança técnica. Houve, desde tempos remotos, o sonho e a necessidade da comunicação à distância entre os homens.

Nos dias de hoje podem ter milhares de pessoas separadas por quilômetros, e mesmo assim poderem trocar informações de forma instantânea graças aos meios de comunicação que vem se superando desde a antiguidade. Acredita-se que podem ocorrer várias mudanças aos chamados meios de comunicação, pois, a influência desses meios nas pessoas é enorme. Uma vez que um dia sem ter informações, seja através de rádio, televisão, internet e jornais como outros meios, as pessoas perceberão o quanto todos eles são importantes para a vida social.

Tais meios transmitem valores, códigos de comportamento e estilos de vida. Não é por acaso que existe hoje no Brasil, Entretanto, é necessário salientar que entre as décadas de 20 e 60 o Brasil vivenciou uma época de pouco desenvolvimento das telecomunicações, vindo às mesmas a ganhar impulso somente em 1962 através da criação do Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei 4.117 de 27 de agosto de 1962), nascendo assim a fase institucionalizada da telefonia brasileira.

Assim, devido à autorização conferida pela Lei 4.117, em 1965 criou-se a Embratel – empresa que representou o início da reconstrução do setor de telecomunicações nacional. Essas são informações escritas por Gunther advocacia

explicando essa lei que cria o Sistema Nacional de Telecomunicações, colocando sobre jurisdição da União os serviços de telecomunicação no Brasil.

1.3 As telecomunicações no Brasil e em Goiás

As técnicas possibilitaram muitas mudanças no Brasil nos últimos anos do século XX. Fala-se de um espaço composto por um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2006, p. 12), um espaço onde há a intensa relação entre técnica, ação, objetos e normas. No interior deste sistema encontram - se as telecomunicações: técnica antiga com intensa modernização.

[...] o maravilhar-se atual do antigo e que agora o homem se maravilha não diante da natureza, mas diante de suas próprias obras [...], pois jamais o homem realizou tão triunfante seu domínio sobre as forças naturais e criou artefatos tão espantosos [...] tudo isso lhe assegurando condições surpreendentes de conforto, segurança e dominação. (PINTO, 2005, p. 35)

Assim, foram desenvolvidas as técnicas, com o papel de reduzir as distâncias, por meio da organização da vida cotidiana (FRIEDMANN, 1968), embora sempre estivessem presente, porém com ápice nos séculos XIV e XV, na transição de uma economia feudal para uma economia capitalista (PIRENNE, 1966). Silva Junior (2009) considera que, ao longo da história, as comunicações foram redes técnicas, responsáveis pelas interações espaciais mais significativas entre os homens, possibilitando maiores ocupações no espaço, troca de mercadorias e fluxos de pessoas, ou seja, a partir do processo de circulação.

A implantação dos meios de comunicação foi possível a partir do Iluminismo e do Liberalismo. O primeiro propõe o comércio como gerador de valores, a partir da formação de um mercado interno por meio das estradas e dos canais. O segundo propõe que:

A comunicação conjuga-se com divisão do trabalho. Indispensável para organizar as operações internas de uma fábrica do melhor modo possível, ela tem a mesma importância na organização do ateliê mundial (MATTELART, 2000, p. 22).

As comunicações da humanidade, desde os tempos remotos, sempre foram de muitas dificuldades devido às grandes distancias que separavam os vilarejos, aldeias,

idades, ou seja, os grupos que formavam as sociedades. Vale frisar que, somente em 1844, com a invenção do telégrafo por Samuel Finley Breese Morse (1791-1872) é que o processo de telecomunicações foi iniciado. O Brasil é um país extenso, e isso só reforça a importância das telecomunicações que ajudam a disseminar a informação a longa distância.

A televisão atua, até os dias atuais, como uma formadora de opinião, mas também de levar informação para todos os cantos do mundo, sobre doenças, campanhas sobre política entre muitas outras coisas. Em Goiás temos a empresa Telegoiás - Telecomunicações de Goiás S/A, era o nome da operadora de telefonia do grupo Telebrás nos Estados brasileiros de Goiás e do Tocantins, antes da privatização do grupo Telebrás, em 1998.

No processo de privatização foi vendida à Brasil Telecom, que depois foi revendida à Oi em 2008. A Telegoiás Celular foi vendida à TCO (Tele Centro Oeste), que depois também foi revendida à Vivo em 2003. No ano de 1998 o sistema de telecomunicações do Brasil era monopólio estatal, ou seja, era controlado com exclusividade pelo Estado Brasileiro.

Com o tempo houve uma grande expansão desse sistema de monopólio a partir da concessão do governo as empresas privadas, muitas das quais eram estrangeiras. Houve uma divisão do território brasileiro entre as empresas de telefonia celular que foi feita como: RR, AP, AM, PA, MA – Tele Norte; PI, CE, PE, RN, PB, AL, SE – Tele Nordeste; AC, RO, MT, MS, GO, DF, TO, MS – Tele Centro-Oeste; BA – Tele Leste; MG – Telemig; RJ, ES – Tele Sudeste; SP – Telesp; PR, SC – Tele Celular Sul; RS – Companhia Rio Grandense.

Enquanto muitas correntes políticas consideram que o Estado Brasileiro entregou serviços públicos de telecomunicações às empresas privadas, outras consideram que a estratégia do setor continua sobre controle estatal através da Anatel.

2 A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO GOIANO E AS REDES DE TELECOMUNICAÇÕES

No território Goiano, a gênese das redes de telecomunicações se caracterizou por seu aspecto local, privado e pontual. Nas primeiras décadas do século XX pequenas estações de redes técnicas foram criadas por iniciativa para atender a

demandas coletivas, como a comunicação. A evolução das redes de telecomunicação no território goiano, contudo, foi impulsionada pela urbanização. Diante disso, o Estado passou a ter papel fundamental na gestão da produção e distribuição de rede de telecomunicação em solo goiano. É nesse contexto que, em 1955, o governo estadual regulamenta a criação da Telecomunicação de Goiás S/A (Telegoiás), a principal companhia do setor de rede técnica do território goiano.

No que diz respeito às dinâmicas inerentes à rede de telecomunicação no território Goiano, ao Estado cabe o papel de distribuição, enquanto que a produção é comandada por empresas privadas, inclusive de capital estrangeiro. Segundo a Anatel, a Telegoiás gera apenas 0,19% dos 92% de rede que compõem a matriz energética do estado. Ainda destaca que essa predominância da matriz em Goiás pode ser explicada pelos seus atributos naturais e sua localização estratégica para o funcionamento do Sistema Interligado Nacional (SIN) ao interligar as regiões Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sudeste do país.

Enquanto produtos das relações políticas, portanto de poder entre diferentes grupos sociais, as redes técnicas são suportes estratégicos para a modernização territorial. No caso das redes de transportes, funcionam como fatores elementares não apenas da dinâmica produtiva, mas também das relações de consumo, uma vez que tais processos são balizados pelo elemento circulação. No que diz respeito à rede técnica, não menos importante é sua formação, produção e espacialização, haja vista que, nos dias atuais, este insumo é fundamental tanto para a produção quanto para o consumo. Contudo, embora as redes de telecomunicação sejam importantes para o funcionamento do território, outras redes, a exemplo das elétricas, também participam desse processo.

A construção territorial de Goiás por meio das redes técnicas distingue em três principais períodos e seu respectivo marco temporal e espacial. Convém destacar uma de suas afirmações mais contundentes: a modernização territorial atual representa o avanço de lógicas modernas recentes, mas também é o quadro sintético de modernizações anteriores. Ela é uma unidade de diversidades. Se no primeiro período as redes tinham características locais, às vezes isoladas, e no segundo características esparsas, no terceiro elas foram integradas. Multiplicaram-se, portanto, as conexões, as relações entre lugares e pessoas, assim como a dependência cada vez maior dos meios tecnológicos.

Importante ressaltar que, conforme já dito anteriormente, as redes, embora possam promover conexões, podem também provocar a segregação. Apesar disso, toda a conexão balizada pelas redes sejam elas materiais (transportes, energia) ou imateriais (informação, comunicação), e que caracteriza a modernização territorial atual, contribui para a intensificação do consumismo, fenômeno este que é a síntese dos processos pertinentes à própria modernização.

Por fim, no que se refere aos processos espaciais, (CASTILHO, 2016, p. 22), discute as noções de diferença e desigualdade e acrescenta que dessa última resulta a formação de espaços privilegiados. Ou seja, características socioambientais, população, atributos físico-naturais, etc., os espaços são evidentemente diferentes. Contudo, à medida que tais espaços são dinamizados, sobretudo na perspectiva das relações sociais de produção, há não mais apenas a diferença espacial, mas também uma desigualdade espacial. E tal dinamicidade pode ser, dialeticamente, causa e consequência de sua configuração territorial.

Sobre isso, por exemplo, pode-se considerar que espaços economicamente dinâmicos, por meio de seus agentes, forjam ações que os sirvam de redes de telecomunicação mais eficientes e, desse modo, tendem a ser ainda mais dinâmicos. Por outro lado, os espaços não beneficiado por essas redes têm capacidade produtiva limitada, uma vez que produção e técnica estão estreitamente ligadas. A consequência disso seria, portanto, a formação de espaços privilegiados em função do jogo político que envolve as redes técnicas.

2.1 O território e suas possibilidades

O conceito de território passa a ter relevância devido ao contexto histórico no controle do território. Entretanto, novas interpretações para o emprego da expressão têm surgido, passando a ser empregada com mais frequência tanto pelas ciências naturais quanto pelas ciências sociais, e diferentes concepções e abordagens passaram a ser utilizadas para compreender e conceituar território (TERRA, 2009).

Autores como Santos e Silveira (2008, p.20) enfatizam a importância das relações sociais existentes dentro do território afirmando que, compreendê-lo “como unidade e diversidade, é uma questão central da história humana e de cada país, e constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual”.

[...] uma construção social dotada de sentido e mesmo de existência por um grupo social. O território é um momento de negociação, endógeno e exógeno à população concernida, que produz e reproduz a identidade coletiva através de manifestações diferentes do lugar e de sua consciência. O território é apropriação. Através dele uma população define o que, no espaço, releva de um uso legítimo, prático e simbólico. O território é memória: ele é o marco temporal da consciência de estar em conjunto [...]. O território é regulação: não há identidade sem regras, implícitas ou explícitas, impostas ou consentidas, modulando as trocas entre si e com os outros. A partir de um mesmo espaço pode-se construir territórios múltiplos, disjuntos ou superpostos, contínuos ou não, de uns em relação aos outros (OFFER e PUMAIN apud SANTOS, 2007, p.58-59).

O território é, portanto, um processo social, dotado de poder, de simbolismo e “[...] resultado da relação de um grupo humano com o espaço que o abriga, sendo, antes de qualquer coisa, dinâmico” (TERRA, 2009, p. 28). Haesbaert (2002, p. 93) acrescenta também que “todo grupo se define essencialmente pelas ligações que estabelece no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem o marcos que orientam suas práticas sociais”. Experiências europeias analisadas por Corrêa (2009) apontam que, para um território apresentar potencial competitivo é necessária a existência de institucionalidade local, que possibilita um ambiente saudável de disseminação de conhecimento e inovação.

Além disso, o território inspira compreensões que podem orientar e redimensionar as relações de poder e a elaboração de projetos de desenvolvimento que valorizem as identidades simbólicas culturais (SAQUET e BRISKIEVICZ, 2009). Corrêa (2009) aponta ainda que o estabelecimento dessas relações de poder e de valorização das identidades locais, que possibilita os processos de aprendizagem que impregnam o meio estabelecido pelo território. Essas relações sociais além de serem definidoras do próprio território, são responsáveis pela existência das relações de poder disputadas dentro deste mesmo espaço.

Tartaruga (2005) traz as reflexões de Raffestin (1993), Foucault (1995) e Arendt (1985) para explicar que, as relações de poder se originam de qualquer ponto e possuem uma intencionalidade para existir e se concretizar neste espaço. A multiplicidade de poderes existentes dentro desse espaço faz com que as ações dentro deste território sejam afetadas, e para se concretizar enquanto poder precisa ter legitimidade dos indivíduos atuantes dentro deste território. Entender o território,

então, invoca a compreensão da realidade social por meio de suas estratégias e táticas para permanência neste território, que se estabelece como resultado da relação entre o poder dos dominadores e a resistência dos dominados.

Para Cirad-Sar (1996) o território não é um simples suporte físico das atividades econômicas ou um quadro de localização dos agentes. Ele é um espaço construído histórica e socialmente, no qual a eficiência das atividades econômicas é intensamente condicionada pelos laços de proximidade e pelo fato de pertencer a esse espaço.

Neste mesmo sentido, Saquet (2007) utiliza os estudos do sociólogo italiano Arnaldo Bagnasco (1988 – As construções sociais do mercado) para sinalizar que é necessário perceber o desenvolvimento de determinado território a partir de uma abordagem múltipla, que leva em consideração diversos recortes regionais como formações sociais distintas, que coexistem e se articulam em tramas dentro de uma rede. O autor explana que Arnaldo Bagnasco utiliza evidências empíricas regionais para embasar sua argumentação e enfatizam sua análise a partir de alguns mecanismos de regulação econômica, presentes no processo de territorialização. São eles: “a) A reciprocidade entre indivíduos ou instituições; b) O mercado, criador de relações e ações sociais; c) A organização, interna e externa, de cada empresa; e d) A política, como forma de intervenção e tutelamento de interesses de determinados grupos sociais” (SAQUET, 2007, p. 96).

De maneira geral Saquet (2007), diz que expõe a necessidade do “equilíbrio entre justiça e liberdade requer, também, uma capacidade autônoma de desenvolvimento dos territórios, obtida através de processos que são, ao mesmo tempo, conflitais, cooperativos e competitivos”. A mesma necessidade de equilíbrio entre os movimentos internos e externos é exposta por Cirad-Sar (1996, p. 134), que defende que a questão principal de se pensar no desenvolvimento por meio de uma abordagem territorial, é a integração, organização e coordenação entre “os recursos e os atores, por oposição a enfoques setoriais ou corporativistas que separam o urbano do rural, e o agrícola do industrial”.

Para sair do subdesenvolvimento é necessário eliminar - ou pelo menos diminuir - a dependência e, para isso, não servem as políticas assistencialistas, mas aquelas que objetivam a inclusão. E, numa perspectiva

territorialista, inclusão significa capacidade de reconhecer, controlar e transformar em valores, a potencialidade dos diversos sistemas territoriais; significa fazer reconhecer, também no exterior, esses valores, de modo que possam entrar e circular nas redes globais. Nesse sentido, é importante esclarecer que, por 'valores', não entendemos somente os valores de mercado, mas também e sobretudo, os recursos ecológicos, humanos, cognitivos, simbólicos, culturais que cada território pode oferecer como valores de uso, bens comuns, patrimônio da humanidade. (SAQUET, 2007, p. 10)

A abordagem territorial, segundo Saquet (2007), permite, sem modismo e denominações maquiadas, compreender elementos e questões, ritmos e processos da sociedade e da natureza exterior ao homem. O uso dessa abordagem permite que os estudos geográficos reconheçam, simultaneamente, características fundamentais de apropriação, denominação e a produção do território.

2.2 As redes de telecomunicações e suas possibilidades

As telecomunicações com suas possibilidades no Brasil e no mundo da comunicação, vem ampliando o uso dos serviços educativos, comerciais e de lazer. Como a comunicação veio se desenvolvendo desde a antiguidade, hoje as pessoas que vivem conectadas ao mundo das telecomunicações podem ser caracterizadas como uma comunidade completamente virtual, pois, essa chamada está a crescer muito no nosso meio em sociedade.

Desde seu início a comunicação foi desenvolvendo, o Telégrafo é um exemplo disso, sendo o precursor de grandes instalações e possibilidades da comunicação à longa distância, abriu caminho para novas possibilidades e melhorias na forma de como vivíamos. Os impactos podem ser inúmeros, no mundo dos negócios, por exemplo, com a agilidade na tomada de decisão, graças às atualizações mais rápidas, o que impactou em grandes ganhos financeiros.

Todos nós sabemos que vivemos no mundo das informações, tanto na forma de consumir quanto no de produzir, e isso se dá graças aos avanços e os desenvolvimentos das telecomunicações que desde a antiguidade veio nos proporcionando. E percebemos isso dentro do mundo dos negócios, pelas pessoas por fazerem seus arquivamentos de dados.

Entretenimento, fácil acessibilidade, custos cada vez menores, grande variedade de lugares e conteúdo, maior velocidade de distribuição de informações pelo mundo, etc. Uma das grandes dificuldades que as telecomunicações enfrentam é a facilidade de garantir que todas as regiões, principalmente dos países mais carentes, tenham a estrutura necessária e adequada para levar informação até as pessoas com qualidade e de forma democrática. Isso esbarra em fatores econômicos e culturais, que de alguma forma, impossibilitam a propagação do acesso livre a comunicação, tanto quanto consumo como produção.

2.3 A territorialização das redes de telecomunicações em Aparecida de Goiânia

Concordamos com Rogério Haesbaert (2004) que territorialização das redes de telecomunicações não são dicotômicos, que a rede pode ser um elemento constituinte do território. Segundo Rogério Haesbaert (2002) existem três grandes abordagens teóricas sobre o território e a rede: uma que subordina a rede ao território (como em muitas abordagens da Geografia Tradicional); outra que dicotomiza território e rede (como o faz Bertrand Badie) e outra que percebe o território e rede juntos (posição de Rogério Haesbaert). O território aparece como movimento que se repete e territorializar-se “significa também, hoje, construir ou controlar fluxos e redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento”, (HAESBAERT, 2004, p. 280).

As redes de telecomunicações em Aparecida de Goiânia possuem um caráter territorializador e desterritorializador, mas mesmo assim não anula o território. Essas redes na cidade assim como em outras, possui uma característica importante para com que os fluxos que circulam ao nosso redor tenham um efeito de construtor de territórios. Isto ocorre principalmente na nossa sociedade que é marcada por desenvolvimento dos sistemas de transporte e principalmente o da comunicação, fazendo conexões e ao mesmo tempo desconexões territoriais.

A ação das corporações produzindo territórios-rede em Aparecida de Goiânia ocorre de forma seletiva e dupla, pois conecta os agentes vinculados à sua lógica de reprodução do capital, ao mesmo tempo em que desconecta os agentes que não se enquadram nessa lógica de reprodução do capital. De maneira geral, podemos dizer com Abagnano (1982, p. 905) que a territorialização das redes de comunicações “compreende todo o conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade

qualquer”, ou ainda, que “é um processo qualquer, regulado por normas e munido de certa eficiência”.

Por sua vez, de acordo com Corrêa (1997, p. 250) podemos definir, genericamente, tecnologia “como um conjunto de conhecimentos e informações organizados, provenientes de fontes diversas como descobertas científicas e invenções, obtidos através de diferentes métodos e utilizados na produção de bens e serviços”.

Muitas vezes essas noções de “rede” têm sido utilizadas para mostrar o mesmo significado. Todavia, entendemos que as tecnologias representam uma espécie de teoria das redes técnicas, no sentido de constituir um procedimento lógico para compreender uma ordem e sem esquecer-se da racionalidade presente na articulação de mais técnicas.

Tendo isso presente, acrescentamos a contribuição de Milton Santos (1996, p.25) quando, do ponto de vista da Geografia, destaca a rede técnica como o mais importante modo de relação entre homem e natureza, entre homem e o espaço geográfico. Nesse sentido, concordamos com o autor que “as redes técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”.

Devemos ter a consciência de que a técnica e a tecnologia, como produtos da ação humana na nossa sociedade capitalista, devem ser pensadas no contexto das relações sociais e no âmbito de seu desenvolvimento histórico. Assim, nessa sociedade, a tecnologia mostra um tipo particular de conhecimento, cujas propriedades o tornam capaz quando aplicado ao capital, de estabelecer um determinado ritmo à sua valorização.

Assim, a técnica é um elemento chave na explicação da sociedade capitalista e dos lugares quando considerada em relação a uma dada temporalidade e espacialidade. Tomada à parte, de forma isolada, ela não explica nada (SANTOS, 1996). Ou ainda, como diz Lévy (1993, p.194), “A técnica em geral não é boa, nem má, nem neutra, nem necessária, nem invencível”.

Em relação ao conceito de rede podemos, de acordo com Santos (1996), defini-lo a partir de duas dimensões complementares. Uma primeira se refere a sua forma, a sua materialidade. Nesse aspecto, Curien e Gensollen (1985, p. 50-51) assinalam que a rede é toda infraestrutura, que permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela topologia

dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação.

Por sua vez, a segunda dimensão trata de seu conteúdo, de sua essência. Assim, a rede “é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é, na verdade, uma mera abstração”. (SANTOS, 1996, p. 209).

Nessa perspectiva, Dias (1995, p. 147) complementa que a rede apresenta a propriedade de conexidade, isto é, através da conexão de seus nós ela, simultaneamente, tem a potencialidade de solidarizar ou de excluir, de promover a ordem e a desordem. Além disso, ela destaca que a rede é uma forma particular de organização, e no âmbito dos processos de integração, de desintegração e de exclusão espacial ela “aparece como instrumento que viabiliza duas estratégias: circular e comunicar”.

As redes são animadas por fluxos. São dinâmicas e ativas, mas não trazem em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social. Este é animado tanto por dinâmicas locais quanto globais, notadamente demandadas pelas grandes organizações. (Santos, 1996). Para Tinland (2001, p. 263), as redes estruturam à sua maneira, o campo de forças das relações de cooperação e de antagonismo que estão presentes na sociedade humana. As redes “são, de fato, instrumentos de poder e de rivalidades para seu controle. Elas são suscetíveis de funcionar como instrumentos de integração e de exclusão, na linha direta dos processos de diferenciação”.

Além disso, Offner e Pumain (1996, p. 15) ao analisarem as redes técnicas em sua relação com o território, evidenciam que essa relação é ambígua: “ora a rede é “fator de coesão, ela solidariza, ela homogeneíza”, ora ela transgride os territórios, “opondo às malhas institucionais suas lógicas funcionais”. Nesse aspecto, essas análises da evolução como o desenvolvimento das redes, mostrando sua infraestrutura como seus serviços, vêm permitindo esta contradição e mostrando que é de suma importância e essencial para a construção de novas escalas territoriais.

Em uma primeira aproximação conceitual concordamos com Milton Santos (2002, p.10) de que: “O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o

fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”.

Esse entendimento pode ser complementado com a proposição de Souza (1995, p.78-79) de que o território deva ser apreendido como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Ou seja, ele é “essencialmente um instrumento de exercício de poder: quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?”

Nessa concepção é evidente que o espaço antecede o território. Como destaca Raffestin (1993:143-144) “Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. Lefébvre mostra muito bem como é o mecanismo para passar do espaço ao território: “A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam”. O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”.

Embora mais difundida, a ideia de território não se restringe apenas aquela da escala nacional, associada com o Estado enquanto instância gestora. Territórios existem e podem ser construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas, tanto espaciais como temporais. Assim, podemos identificá-lo desde uma dada rua a uma dada configuração regional, ou ainda a partir de um dado recorte temporal de dias até séculos. (SOUZA, 1995).

Além disso, na medida em que as noções de controle, de ordenamento e de gestão espacial, fundamentais no debate sobre o território, não se restringem apenas ao Estado, mas igualmente se vinculam às estratégias de distintos grupos sociais e das grandes corporações econômicas e financeiras, o território deve ser apreendido como resultado da interação entre múltiplas dimensões sociais. (HAESBAERT, 2002).

Assim, esse sentido relacional presente na definição do território traduz a incorporação, simultânea, do conjunto das relações sociais e de poder, e da relação complexa entre processos sociais e espaço geográfico, este entendido como ambiente natural e ambiente socialmente produzido. Além disso, esse sentido relacional implica que consideremos que o significado do território não apenas se vincula as ideias de enraizamento, estabilidade, limite, fronteira, fixidez, mas também as ideias de movimento, de fluidez, de conexão. (HAESBAERT, 2002).

Por fim, concordamos com Offner e Pumain (1996, p.118) que durante o processo de produção do território das redes de telecomunicação em Aparecida, ele é reapropriado, praticado e vivenciado distintamente pela sua população, o que permite também designar sua territorialidade. Para eles, ela reflete as múltiplas dimensões desse vivido territorial em que os atores sociais “vivenciam, simultaneamente, o processo territorial e o produto territorial através de um sistema de relações produtivas (ligadas ao recurso) ou existenciais (relevando a construção identitária, portanto da memória coletiva e da representação)”.

3 AS REDES DE TELECOMUNICAÇÕES EM APARECIDA DE GOIÂNIA E O USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO

As redes de telecomunicações em Aparecida de Goiânia no uso corporativo do território houve a formação de um duopólio o que na verdade se revelou em monopólio, onde as empresas privatizadas da Telebrás foram herdeiras no mercado consumidor e foram se concentrar com um maior poder econômico e também espacial.

Analisando esse assunto, a Telebrás foi bem preparada nos termos técnicos para o seu modo privado, gerando uma divisão da companhia em áreas de concessão, dividindo-a na forma de “lotes espaciais” e de acordo com a Lei Geral das telecomunicações falando sobre o caso, anuncia que também preparando um marco regulatório antes do processo com a Lei Geral de Telecomunicações “que é um plano de universalização do setor, E com isso, a disputa de poder passa a ser agregada no cenário de oligopólio, onde as companhias de telecomunicações se enfrentam nacionalmente para que possam produzir economias de escala com a abertura de diversas alianças e estratégias nas empresas”.

Segundo David Harvey (1992, p. 151), a busca empreendida pelas grandes corporações por um maior controle sobre o desenvolvimento e a evolução dos modernos sistemas técnicos é explicada na medida em que “o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva” na atual, e extremamente disputada, economia mundial de mercado. Conforme ressalta Milton Santos (2001, p. 31), o próprio “exercício da competitividade torna exponencial a briga entre as empresas e as conduz a alimentar uma demanda diuturna de mais ciência, de mais tecnologia, de melhor organização, para manter-se à frente da corrida”.

É sobre o papel central mostrado à pesquisa científica para a criação de novas tecnologias para o nosso consumo como também para possíveis possibilidades das redes técnicas para que com isso mostre que é para um uso de produção no território e para os setores nobre, medianos e de periferias de Aparecida de Goiânia, mas não só aqui como mostrado também esse desenvolvimento tecnológico em diversas partes do mundo.

3.1 O uso corporativo do território em Aparecida de Goiânia pelas empresas de telecomunicação

As telecomunicações ao longo do tempo desde a antiguidade serviu muito para diferentes objetivos do estado, bem como estiveram articuladas ao meio das políticas territoriais, desempenhadas no processo de uso e domínio das redes. Compreende-se, desse modo, o seu papel fundamental como infraestrutura necessária para o desenvolvimento da nação, mas levando sempre para todas as partes dos territórios a comunicação e a informação necessária.

Para Raffestin (1993), por exemplo, há “atores paradigmáticos” e “atores sintagmáticos”. Enquanto estes últimos correspondem a um nível específico de organização territorial com objetivos e políticas definidas, os paradigmáticos, simplificada, são os povos, a nação, não possuem muita das vezes uma ação conjunta no uso corporativo do território do ponto de vista de uma estratégia coordenada.

[...] A alienação dos territórios está ligada à forma como as populações se veem envolvidas pela política das empresas. Se participar das decisões da política do Estado sempre foi um problema para a maioria dos brasileiros, participar da política das empresas está fora de questão. (SANTOS, 2001, p. 143)

Nessa perspectiva, é como se o destino e o controle da nação tivesse longe dos anseios do povo, mas embasado em campos de ação vertical, a exemplo do organismo internacional de crédito e das grandes corporações nos mais variados segmentos da economia. O território como marco das ações e estratégias das empresas é tomado, então, como ponto para a compreensão de um “uso corporativo do território”.

Uso corporativo do território em Aparecida de Goiânia é porque leva em conta a ação do capital privado das grandes corporações que tem o poder econômico para

participar de lógicas globalizadoras e globalizantes, em diferentes locais de produção da mais-valia e, por conseguinte:

[...] O estado se torna mínimo, mas flexível aos interesses do capital, que por sua vez é hegemônico, ganancioso e exigente, e assim “o Estado acaba por ter menos recursos para tudo o que é social” (Santos, 200, p.66), ou seja, o “Estado, em nome da globalização e da reengenharia, abdica dos pobres e se volta totalmente para as empresas”. (SOUZA, 1999, p. 41, LOPES, 2006, p. 54)

Logo o território em na cidade de Aparecida de Goiânia para as empresas de telecomunicações é objeto espacial para a extração de lucros:

[...] é o estado, que no atual período histórico, colabora extensiva e sistematicamente com a política menos das grandes empresas, abrindo mão da política maior voltada ao povo, ao território e a sua soberania. (LOPES, 2006, p.55).

Nesse sentido, é válido frisar que as empresas ao se instalarem não fazem um uso neutro de suas estratégias de ganhos de renda e, portanto:

[...] A empresa não é mais localizada no “espaço recipiente” neutro ou indiferenciado da teoria neoclássica; ela se implanta num “meio econômico mais ou menos integrado”, quer dizer num território tornado mais ou menos atrativo graças também a sua capacidade de adaptação à flutuação das necessidades de atividade econômica. (FICHER, 2008, p. 61).

O território nessa concepção passa a ser visto como expressão de poder, normatizado e produzido por relações sociais que são na realidade resultantes da ação corporativa do domínio dos grupos econômicos, sejam eles nacionais ou internacionais, que lutam para obter mais influência, visibilidade, marca e controle no uso do território, bem como sobre as pessoas em sociedade com a apropriação da mais-valia, consumo e endividamento de contas.

Além disso, no contexto de investigação geográfica, a relação entre sociedade e natureza, deve passar pelo desvendamento das estratégias de incorporações e produção do território, que é atualmente, cada vez mais mediado pela informação, sistemas de comunicação e telecomunicação potentes e complexos. Assim, é preciso ressaltar que tal quadro será tratado analiticamente nos itens subseqüentes, ao abordar o assunto da TV por assinatura, internet e telefonia celular ou fixa respectivamente.

3.2 A expressão geográfica do território pelas empresas de telecomunicação em Aparecida de Goiânia

O território usado como categoria para compreender o jogo de forças estabelecido a partir de um processo, ação ou atividade corporativa pelas empresas de telecomunicação revela muitas diferenciações quanto ao emprego da técnica na produção territorial e mostra, por outro lado, aspectos de desigualdade, resultado do poder das forças de lugares, regiões e Estados. Poder este que é exercido, em grande parte, por um conjunto de agentes dominantes que reúne tanto as empresas quanto os governos.

Cada parte do território é construída e usada de diferentes lógicas, tendo o do transporte e às telecomunicações a ligação de diferentes partes da estrutura territorial de um país. Com a falta do desenvolvimento das telecomunicações e também dos transportes, o Brasil seria simplesmente um conjunto de ilhas econômicas sem ligação entre si. Porém, hoje é preciso levar em conta que é a iniciativa privada que oferece, na maioria das vezes, tais serviços à população e, com isso, há diversas formas de cruzamento de capitais, bem como de operações e dinheiro no território.

A mobilidade territorial do capital tem sido bastante elevada quando se observa as associações entre os diversos tipos de capitais, na produção desigual das corporações e na expressão geográfica do território pelas empresas de telecomunicações em Aparecida de Goiânia como qualquer em outro lugar, acompanhada praticamente pelas mobilidades setoriais dos capitais.

Assim, Carlos de Mattos (1992, p. 156-157) sobre a discussão mais ampla das transformações setoriais e da mobilidade do capital, no contexto geral da América Latina, escreveu sobre a: “[..] deslocalização de certos processos o subprocessos, seja os próprios os subcontratados [...]” (MATTOS, 1992, p. 157), destacando que: “[...] se está generalizando uma modalidade de organização e gestão empresarial que combina praticamente na centralização, segundo a qual as empresas definem e manejam centralizadamente sua estratégia global de valorização de capital, incluindo a este nível as tarefas consequentes a direção general, planificação e controle e, ao mesmo tempo na medida em que deixa a estratégia, se complementa com a deslocalização de determinadas inversões e processos produtivos que impulsionam uma maior descentralização da gestão dessas divisões e plantas respectivas. (MATTOS, 1992, p. 157)

Há, logo, uma característica particular estabelecida a partir dos objetos técnicos da inovação, das formas, estruturas e funções que são construídas no território pela produção humana que precisam ser mais bem explicadas por meio da Geografia. Assim, do mesmo modo que não há território sem homem, não há homem sem território. As companhias usam os territórios corporativamente, dando a ele fixos e fluxos, a partir da regulação do Estado e de múltiplos investimentos, em diversas áreas, envolvendo filiais ao longo do globo, pontos, linhas das redes de sistemas técnicos, torres, terminais, centrais, backbones, redes de fibra óptica, satélites, data centers, entre outros.

Conseqüentemente, o território é visto a partir de fixos, que são os pontos de emissão e recepção da informação, no processo de comunicação, mas igualmente por fluxos através da energia circulante, desprendida no processo comunicacional via cabos e satélites, conformando impulsos, ondas e sinais. Por outro lado, é importante ressaltar que tais corporações são ainda capazes de produzir normas no território, por meio de seus dispositivos e regras de funcionamento, o que implica padrões e princípios de conduta com os consumidores, bem como na produção e uso do território. As normatizações se ajustam territorialmente, inserindo juridicamente um conjunto de regras das quais os consumidores são signatários, por diversos contratos e práticas.

Maria Laura Silveira (2006, p. 95), a respeito dessas articulações do mundo corporativo, destacou que: “[...] Quando as corporações encorajam segundo várias formas de convicção, a construção das infraestruturas de que necessitam, e quando os governos decidem realizar tais obras, o processo de produção do território corporativo se fortalece [...]”. Tornando-se mais forte, o projeto corporativo das empresas ganha território e competitividade, na busca por ampliação de lucro, bem como importância no mercado e poder.

Nesse sentido, as infraestruturas, o poder e as normas colocam-se como instrumentos eficazes, no processo de controle de determinada tecnologia, bem como no processo de gerenciamento das atividades comerciais, financeiras e técnicas, mediadas por “serviços-rede”, além das “redes-suporte”, na estruturação de uma determinada operação territorialmente, uma vez que, hoje mais do que nunca: “[...] os negócios governam mais que os governos (DAZSLO, 1992) e também diz que com a globalização da tecnologia e da economia, os Estados aparecem como servos das corporações multinacionais (PETRELLA, 1989) [...]” (SANTOS, 2008, p. 244).

Além disso, muitas normas são impostas por estratégias corporativas específicas, conformando um ordenamento gerencial e administrativo para instalação de infraestruturas em certa porção territorial, modernização de componentes, competição pela ampliação do lucro e avanço sobre determinado nicho comercial.

Conseqüentemente, é preciso destacar que cada local têm desse modo, uma densidade técnica específica, fruto da sobreposição de diferentes momentos, divisões territoriais do trabalho, da contradição entre o trabalho humano e apropriação da natureza, e: A acumulação contemporânea (Santos, 1993), encarnada nos macros sistemas técnica, nas ações corporativas públicas e privada e no peso das finanças e da informação, contribui para produzir uma valorização e desvalorização frenética dos pedaços do território, o agravamento da pobreza e, em definitivo, uma globalização necessária para quem comanda os processos sociais, porém desnecessário para a maior parte da sociedade. (SILVEIRA, 2006, p. 86).

Trata-se, portanto, de uma economia política do território. Tal contexto reúne tanto determinados sujeitos e agentes da produção e domínio territorial, quanto os objetos materiais construídos, apropriados e consumidos de diferentes formas pela sociedade em cada pedaço do território. Há, assim, na expressão de Santos e Silveira (2006), espaços que mandam (comandam) e outros que obedecem, sendo estes entendidos como sistemas de objetos do ponto de vista estrutural e material, mas também sistemas de ações, quando se observa os sujeitos e agentes que produzem tal dinâmica (SANTOS; SILVEIRA, 2006, p. 264-265).

3.3 As telecomunicações no uso da cidade de Aparecida de Goiânia

Essa aplicação das tecnologias para enviar informações e comunicação para dentro dos centros urbanos de Aparecida de Goiânia gera bastantes proximidades de pessoas, pois com o crescimento das populações vivendo dentro da cidade de Aparecida ou até mesmo de outros centros urbanos é um fenômeno sem precedentes.

A partir de uma abordagem de métodos com os dados coletados por meio de pesquisas, argumenta-se que os avanços das telecomunicações no uso da cidade podem ser utilizados por gestores para incrementar a abrangência e a qualidade dos serviços prestados para melhor nas transferências de dados.

Em Aparecida de Goiânia, nota-se que na BR-153 existem cabos de informação chamados de infovias, que são formadas por uma rede de cabos de fibras ópticas, satélites e telefones por onde circulam textos, dados, imagens e sons. Esses cabos vêm sendo instalados ao longo dos canteiros das rodovias, ferrovias, dutos e outros sistemas que permitem a instalação das linhas de transmissão para as localidades servidas por rede de distribuição de eletricidade.

Com isso, principalmente na cidade que essas linhas são colocadas nos postes juntamente com os cabos de energia, telefone e televisão a cabo que são conectados às residências para a transmissão da telecomunicação para o centro urbano de Aparecida de Goiânia.

Com esses exemplos, Aparecida de Goiânia vem se transformando a cada dia por meio de atividades de telecomunicação que vem provocando uma série de modificações no relacionamento entre pessoas, nas atividades econômicas, enfim, na vida em sociedade. Essa revolução é caracterizada pela invenção e o desenvolvimento de diversos outros meios de comunicação dentro do centro urbano de Aparecida, que vem permitindo a comunicação instantânea entre lugares separados por milhares de quilômetros de distância. É possível enviar mensagens, imagens, textos, dados, voz em questão de segundos.

A rede de internet de Aparecida de Goiânia, que interliga computadores de vários lugares, é utilizada para pesquisas, compras, envio de mensagens entre pessoas e empresas e até conferências. Essa rede vem possibilitando às pessoas desde que possuam os meios necessários (modem, computador, linha telefônica e etc.), o acesso a muitas informações existentes nos mais variados pontos da cidade.

Enfim, as telecomunicações no uso da cidade sempre tiveram um papel importante na integração de pessoas entre diversos lugares da Terra. Essas comunicações sempre permitiram que as sociedades com modos de vida diferentes trocassem informações e experiência sem relação às técnicas de rede, modos de produção etc. Maneiras de se relacionar com o mundo, isso provocaram transformações nos modos de vida das diferentes sociedades e também possibilitou o domínio de um povo sobre o outro.

Nos dados analisados no trabalho de campo à cidade de Aparecida de Goiânia, pude definir que a CLARO é a que domina nos setores nobres, medianos e de periferias. Ela é a que lidera nas maiores partes locais da cidade, e a partir das pessoas entrevistadas no questionário uma senhora de 64 anos possui 3 aparelhos

de celulares diferentes para entrar em contato com seus familiares pois cada pessoa de sua família tem operadoras diferentes.

E outra coisa que chamou bastante atenção foi que em uma das pessoas entrevistadas, disse que uma das operadoras não tem sinal no seu setor e na outra parte possui sinal e disse que é por falta de verba. Então se conclui que com isso ainda existe essa disputa de poder que não é recente, pois, através de pesquisas e leituras vi que a OI e a antiga BRASIL TELECOM teve esse mesmo problema e acabou que a BRASIL TELECOM comprou a OI.

CONCLUSÃO

Chegamos às considerações finais de que muitas discussões permeiam ainda nessa temática, tendo características ilimitadas do pensamento e das ideias. Apresentando então neste momento, uma síntese do que foi proposto e apresentado ao longo dos capítulos.

As redes de telecomunicação, constituída por um sistema de redes técnicas é mais um importante instrumento do nosso capital, mostrando as redes na globalização e chegando e constituindo o uso corporativo do território. Considerando assim, um processo de suma importância de uma análise geográfica, pois, são partes constituintes do nosso espaço geográfico.

Diante disso, afirmamos que as redes, criadas para ligar, conectar e comunicar se tornou uma estratégia capitalista no sentido de manipular o espaço a seu favor e deixando as necessidades sociais de comunicação. Sendo assim, essas redes de telecomunicações se caracterizam como uma extração de mais-valia e com muita disputa de poder entre as operadoras de telefonia móvel e fixa.

Cabe diante disso, que é evidente a importância dos meios de comunicação na sociedade moderna na cidade de Aparecida de Goiânia, pois, é com essas comunicações que temos as informações necessárias. Assim do nosso ponto de vista, conclui-se que as telecomunicações no nosso lugar e espaço tem muito a oferecer de positivo e com esses pontos precisamos torná-los imune aos possíveis impactos negativos que possam causar na sociedade.

Sendo assim, temos que ter conhecimento disso, para que de forma sucinta deixe claro os argumentos que atribuímos às noções de técnicas, de rede e de

território que são os conceitos chave para o desenvolvimento do nosso pensamento e reflexão na cidade de Aparecida de Goiânia.

ABSTRACT: The present study aimed to use the research procedure on telecommunications in the structuring of the geographic space in the city of Aparecida de Goiânia, having the territorial scope be it local, regional, national and international. Among some basic services shows that telephony was privatized by expanding the service offer and changing the use of the territory. In the city of Aparecida de Goiânia, the company Telegoiás (Telecommunications of Goiás S / A), provided the corporate use of the territory. In this case, the State appropriates normative actions and corporations for the services and technical networks offered. The city's telecommunications companies direct capital and the norm presents itself as privatization itself, while the state follows this process, configuring in the hybrid regulation of the territory. With this, he comes to the conclusion that telecommunications suffers from many changes over the years and that is also approaching and interacting not only with technologies but also with the people around us so that our communications become the mainspring of expansion in the world. Thus we conclude that the media have not only commercial but ideological interests, which is where we come to a curious point which is where a democracy, where there is government imposing a unique ideological propaganda, there are several groups making different ideological propaganda. So every newspaper, magazine, broadcaster, or website can have a different idea to pass on to readers. Lastly, we have to keep in mind that telecommunications helps us a lot on a daily basis, thus reducing distance and helping to bring people together.

KEYWORDS: Networks. Territory. Corporate use of territory.

REFERÊNCIAS

MAGNOLI, Demétrio. **Globalização – Estado nacional e espaço mundial**. São Paulo: Moderna, 2004. 128 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. 19 ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 133 p.

MARX, Karl. **A origem do capital**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004. 116 p.

_____. **O Capital – crítica da economia política**. Livro 1, v. 2, 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 222 p.

_____. **O Capital - crítica da economia política: o processo global de produção capitalista**. Livro 3, v. 5, 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 350 p.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. Bauru: Edusc, 2000. 191 p.

_____. **A invenção da comunicação**. Portugal: Instituto Piaget – Epistemologia e sociedade, 1994. 424 p.

_____. **História das teorias da comunicação**. 8 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005. 227 p.

LUHAN, Marshall MC. **O meio é a mensagem**. Rio de Janeiro: Record, 1969. 188p.
MEIRA JUNIOR, Wagner. Redes Metropolitanas de Alta Velocidade. **RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa**. v. 3, n. 6, nov./1999. Disponível em: <<http://www.rnp.br/newsgen/99111/rmav.html>>. Acesso em: 05 set. 2017.

MELCHIOR, Silvia Regina Barbuy; SOUZA, Rafael Micheletti de. **Recomendações para regulamentação de infraestrutura de telecomunicações em vias públicas no Brasil – cabeamento óptico**. Associação Brasileira das Empresas Prestadoras de Serviços Especializados de Telecomunicações. 2001. 167 p. Disponível em: <http://www.inforede.net/Technical/Layer_1/Cabling/Fiber_Optic_4_%28POR%29.pdf>. Acesso em: 05 set. 2017.

MELO, Marcus André B. C. de. A década perdida: globalização, crise do Estado e metrópoles no Brasil. Em: GONÇALVES, Maria Flora (org.). **O Novo Brasil Urbano – impasses, dilemas, perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. p. 249-260.

MIGLIORINI, Sonia Mar dos Santos. Indústria Paranaense: formação, transformação econômica a partir da década de 1960 e distribuição espacial da indústria no início do século XXI. **Revista Eletrônica Geografar**, Curitiba, v.1, n.1, p. 62-80, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/6843>>. Acesso em: 08 set. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 174 p.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985. 120 p.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 132 p.

_____. **Da política dos Estados à política das Empresas**. Cadernos da escola do Legislativo. Belo Horizonte, 1997.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. Em: **Território**. a.4, n.6, jan-jul, Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. p. 5-20.

_____. **Território, globalização e fragmentação**. 5 ed. São Paulo: Editora Hucitec– Anpur, 2002. 332 p.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Editora Hucinet, 1994. 176 p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**. Território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2003. 474 p.

_____. **Redes e cidades**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 161 p.